

Uma leitura e muita paciência: traduzindo o protagonista Robert Fritzen em *Die Lesung*, de Guy Helming

Sofia Froehlich Kohl¹
Gerson Roberto Neumann²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir a tradução do texto *Die Lesung* (In: HELMINGER, Guy, 2001, p. 84 a 95), que esteve dentre os contos traduzidos pela autora na prática de Estágio Supervisionado do Alemão I. Guy Helming, o escritor traduzido, é luxemburguês de nascença e cosmopolita de profissão. De suas viagens e estadas pelo mundo, publicou, entre outras obras, *Die Allee der Zähne: Aufzeichnungen und Fotos aus Iran* (2018) e *Die Lehmbauten des Lichts: Aufzeichnungen und Fotos aus dem Jemen* (2019). *Rost*, um de seus livros de contos, teve a primeira edição publicada em 2001, agraciada pelo *Prix Servais* em 2002, e a reedição publicada em 2016 (CAPYBARABOOKS e CONTER E JACOBY (200[2?])). *Die Lesung* (A sessão de leitura) compõe a segunda parte do livro, que é dividido em três. O conto narra em onze agoniantes páginas as peripécias enfrentadas por Robert Fritzen em uma sessão de 'leitura de obra pelo próprio autor'. Impressionado pelo estofamento das cadeiras ou distraído por tossidas e fios de cabelo, Fritzen é engolido por neuras. Se o texto deve qualquer parte do seu valor estético à irritação que pode/tenta causar no leitor, traduzi-lo esteve, pelo contrário, longe de ser irritante: Helming apresenta um texto desfrutável, mesmo sem contar com nenhum acontecimento trágico (como nos demais textos do livro). Dentre as dificuldades de tradução, se destaca o desafio de manter a linguagem realista, como caracteriza Weidner (2002), na descrição de eventos que beiram o surrealismo – ou a loucura.

Palavras-chave: Guy Helming; *Rost*; *Die Lesung*; tradução literária; estágio de tradução.

Zusammenfassung: Ziel dieses Textes ist die Übersetzung der Erzählung *Die Lesung*, von Guy Helming, vorzustellen und zu diskutieren, der von der Autorin als Aufgabe für den Kurs Praktikum der Übersetzung des Deutschen I übersetzt wurde. Guy Helming ist in Luxemburg geboren, ist aber ein kosmopolitischer Autor. Von seinen Reisen und Aufenthalten rund um die Welt veröffentlichte er u.a. *Die Allee der Zähne: Aufzeichnungen und Fotos aus Iran* (2018) und *Die Lehmbauten des Lichts: Aufzeichnungen und Fotos aus dem Jemen* (2019). *Rost*, einer seiner Kurzgeschichtenbände, wurde in seiner Erstausgabe 2001 veröffentlicht, 2002 mit dem *Prix Servais* ausgezeichnet und 2016 in einer Neuauflage veröffentlicht (CAPYBARABOOKS und CONTER AND JACOBY (2002)). Die Erzählung schildert auf elf quälenden Seiten die Abenteuer, die Robert Fritzen in einer literarischen Lesung erlebt. Beeindruckt von Stuhlpolstern oder abgelenkt von Husten und Haarsträhnen, wird Fritzen von Neurosen übermannt. Wenn der Text einen Teil seines ästhetischen Wertes der Irritation verdankt, die er beim Leser auslösen kann/will, so war die Übersetzung im Gegenteil alles andere als irritierend: Helming präsentiert einen vergnüglichen Text, auch wenn er keine tragischen Ereignisse (wie in den anderen Texten des Buches) einrechnet. Zu den Schwierigkeiten der Übersetzung zählen die von Weidner (2002)

¹ Bacharelada em Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). sofia.kohl@ufrgs.br

² Doutor em Ciências da Literatura pela Freie Universität Berlin. Professor Associado de Literatura e Língua Alemã na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

caracterizada Herausforderung, die Sprache bei der Beschreibung von Ereignissen, die an Surrealismus - oder Wahnsinn - grenzen, realistisch zu halten.

Schlüsselwörter: Guy Helming; Rost; Die Lesung; literarische Übersetzung; Übersetzungspraktikum.

Introdução

Para o Estágio Supervisionado do Alemão I foi proposta a tradução do livro *Rost*, publicado por Guy Helming em 2001 e republicado em 2016, cuja primeira edição foi agraciada em 2002 pelo *Prix Servais*, prêmio luxemburguês de literatura (CAPYBARABOOKS e CONTER E JACOBY (2002)). O livro, montado em três partes, passeia pela vida de diversos protagonistas. Para a prática de estágio de tradução, ficou a encargo da autora a segunda parte do livro, que compreende cinco contos: *Bresinski*, *Die Lesung*, *Bormann*, *Rost* e *Caféhaus*.

Com a intenção de discutir o trabalho de tradução neste artigo, escolhemos *Die Lesung* (A sessão de leitura), que se distingue dos demais textos especialmente por seu recorte temporal, sem porém deixar de conter os traços característicos da literatura de Helming – a saber: ficção surrealista (WEIDNER, 2002) e linguagem irônica e distanciada (CONTER, JACOBY, 2002).

Nas páginas a seguir, apresentaremos Guy Helming brevemente e comentaremos um pouco sobre o conto *Die Lesung* e seu processo de tradução. Ao final do artigo, disponibilizamos a tradução do texto, intitulada *A sessão de leitura*, para que o leitor possa conhecer um pouco mais do trabalho do autor e também acompanhar nossa discussão.

Guy Helming

O autor luxemburguês, descrito pelo *Neue Zürcher Zeitung* - NZZ (Novo Jornal de Zurique) como um ‚*glücksfall*‘ (caso de sorte), vive desde 1985 em Colônia, na Alemanha. Já esteve, porém, em diversas partes do mundo, e de suas viagens resultaram livros como *Die Allee der Zähne: Aufzeichnungen und Fotos aus Iran* (A avenida dos dentes: registros e fotografias do Irã (2018) e *Die Lehmbauten des Lichts: Aufzeichnungen und Fotos aus dem Jemen* (Os edifícios de barro da luz: registros e fotografias do Iêmen (2019), além dos relatos sobre seus dias em Teerã para a rede de TV alemã *Deutsche Welle* (DEUTSCHE WELLE, 2007). Sua extensa produção literária conta com romances, poemas, contos e

peças teatrais, e já foi agraciada com diversos prêmios, luxemburgueses e internacionais. Em sua obra, geralmente em língua alemã, Helminger aborda diferentes temas para diferentes faixas etárias, tendo inclusive publicado um livro infantil em luxemburguês, *Eng Taass fir d’Nefertiti Nilpäerd*, traduzido pelo próprio autor da versão em alemão, *Eine Tasse für Nofretete Nilpferd* (CNL - Lëtzebuenger Literaturarchiv, 2020). Na língua portuguesa, o título seria algo como *Uma xícara para a hipopótamo Nefertiti*.

No que tange ao estilo do autor, Conter e Jacoby (2002) destacam no trabalho de Helminger a capacidade de “dissolver os limites entre a ficção e a realidade”³. Especialmente os livros de contos *Rost* e *Etwas fehlt immer* enfatizam que o autor “descreve atos de violência absurda”⁴ (ibid.), fazendo com que o leitor já não saiba distinguir o que é ilusão do que é realidade⁵ (WEIDNER, 2002).

Die Lesung (A sessão de leitura)

Robert Fritzen chega na sala, escolhe se sentar na primeira cadeira da segunda fileira e aguarda que a leitura comece. Para sua infelicidade, também outras pessoas vêm acompanhar a sessão e acabam por distrair Fritzen completamente. O enfoque da trama de *Die Lesung* é a obsessão do protagonista por detalhes que, teoricamente, seriam irrelevantes para o evento em que ele está, mas que impossibilitam completamente que ele aproveite a leitura. É somente o título do conto o único momento em que essa leitura é o foco da história, uma vez que, já na segunda frase do texto, Robert Fritzen se mostra bem mais interessado no estofamento das cadeiras enfileiradas para os participantes do que no evento em si. Ao longo do texto, as conversas no corredor, o calor na sala, as maneiras como os demais presentes se comportam e, até mesmo, um insistente fio de cabelo preso ao casaco do homem sentado à frente de Fritzen desviam sua atenção da leitura – que, no fim, acaba não recebendo nenhuma atenção.

O protagonista parece ser acometido por algum transtorno de atenção ou ansiedade, que o impede de se concentrar no que seria o objetivo do evento, e resulta em descrições exaustivas do comportamento agonizante das pessoas a sua volta – a mais emblemática das situações é o tal fio de cabelo preso ao casaco do homem sentado à

³ *La prose de Guy Helminger présente un jeu de variations des niveaux de narration afin de repousser les limites entre la fiction et la réalité.* [nossa tradução]

⁴ (...) *dans les recueils Rost il décrit des actes de violence absurdes (...).* [nossa tradução]

⁵ *Was Wahn ist, und was Realität, weiß der Leser bald nicht mehr zu unterscheiden.* [nossa tradução]

sua frente, que ocupa a descrição de Fritzen por tantas páginas a ponto de a palavra 'cabelo' aparecer 34 vezes no conto (a segunda palavra não gramatical mais frequente do texto, atrás apenas de 'Fritzen').

Ao contrário do que tanta repetição possa sugerir, *Die Lesung* é um texto de leitura agradável – livre das surpresas trágicas dos demais contos – e que pode fazer o leitor se lembrar de Reger procurando incansável por uma falha n'O homem de barba branca ou de Vega descrevendo detalhada e reiteradamente seu desprezo por San Salvador. Tanta atenção na desgraça, pode também ser encarada como cômica e possibilitar um paralelo com o famoso inglês Mr. Bean – talvez em especial com o episódio no trem, em que Bean, incomodado pelo homem à sua frente, veja só, não consegue se concentrar em sua leitura.

Já em relação ao livro como um todo, enquanto os demais contos da segunda parte de *Rost – Bresinski, Bormann e Rost* – se ocupam de uma parte significativa da vida de seus protagonistas, *Die Lesung* (e de uma forma um pouco menos clara também *Caféhaus*) aborda uma cena pontual na vida de Robert Fritzen. Apesar de abranger um recorte de apenas algumas horas da vida do personagem principal, o conto reflete eventos recorrentes da vida de Fritzen ("Fritzen frequentava leituras regularmente (...)", p.1) e assim é capaz de traçar um perfil de certa forma fidedigno do personagem. Outro diferenciador desse texto em relação aos demais é um aspecto que, segundo Stefan Wiedner, é também uma marca de *Rost*: a violência repentina e desmotivada. Além de certa hostilidade entre os personagens, *Die Lesung* poderia ser considerado aí uma exceção entre os textos do livro, porque não apresenta nenhuma situação de violência explícita – pode, talvez, incitar uma crise de raiva no leitor depois de ter lido tantos devaneios, mas isso já não entraria mais na conta de Helminger.

A sessão de leitura

Tradução: Sofia Froehlich Kohl
Revisão: Gerson Roberto Neumann

Depois de ter deixado seu olhar divagar rápida, mas não apressadamente, pela sala, Robert Fritzen sentou-se no primeiro assento da segunda fila. Constatou aliviado que as cadeiras haviam sido estofadas, tendo agora um quê de poltrona. Elas eram largas, sustentavam uma boa parte das costas, de modo que quase toda a extensão da coluna,

mas apenas quase, pudesse se aconchegar no couro escuro; e os apoios, ainda que fossem tubos de metal não estofados, permitiam que se distribuísse despreocupadamente todo o peso do corpo pela cadeira, que se curvasse para qualquer lado, sem que fosse necessário se preocupar com a distribuição igualitária do peso. Não que isso fosse importante para Robert Fritzen. Para ele só importava a leitura; o autor, que dava voz a suas frases e o som das palavras estranhas, que o sugava para dentro das histórias escritas.

“Mas para a maioria dos outros participantes”, disse Fritzen, “para eles coisas como cadeiras estofadas são importantes.”

Fritzen frequentava leituras regularmente e sabia que era só uma questão de tempo até que o primeiro ouvinte se impacientasse e começasse a se mexer nervosamente para lá e para cá na cadeira. Isso também deixava Fritzen nervoso. Então ele também não conseguia mais se concentrar, perdia o fio da meada, tropeçava entre as linhas e, a partir daí, não tinha mais volta. Ele já havia se deixado desorientar completamente em mais de uma sessão de leitura, havia desistido, jogado a toalha, porque, de repente, como que por meio de um combinado secreto, todos começaram a tossir, a fazer barulho com sacolas plásticas ou com a barra de suas saias, ou porque o tecido da calça do seu vizinho emitia um ruído sibilante quando cruzava as pernas.

“Estofamento, contudo,” disse Fritzen, “causavam certa preguiça, os participantes permaneciam mais silenciosos, examinavam o reboco do teto, as estantes na parede, divagavam, dormiam.”

Atrás de Fritzen, à direita, estava a porta de entrada, completamente aberta. A julgar pela conversa que vinha do saguão, alguns participantes ainda esperavam para entrar e não viam necessidade de fazê-lo, mesmo que a leitura devesse começar em cinco minutos. Fritzen não fez nenhum comentário sobre isso, mas sentiu que começava a suar nas axilas. Na mesa, à frente, havia uma garrafa de água mineral e um copo. Uma imagem do silêncio, pensou Fritzen. Mas a cadeira ao lado de Fritzen estava ocupada por uma senhora, que já agora se ocupava com a organização das pregas de sua saia. Também para essa situação Fritzen permaneceu calado, não disse uma palavra, mas ela respirava alto, e isso não deixava Fritzen com bons pressentimentos. Ele olhou para a cadeira vazia na fileira a sua frente. “Se ao menos essa permanecer vazia”, disse Fritzen e percebeu que agora a sala estava ficando quente demais. À esquerda da cadeira

vazia, exatamente em frente à senhora asmática do seu lado, estava sentado um homem parecendo um corvo empoleirado. Os ombros curvados para frente, fios de cabelo caídos sobre a nuca como penas pretas, e suas pernas recolhidas de tal modo, que os pés descalços – ele havia descalçado as sandálias Birkenstock – pareciam garras fincadas no estofamento. Fritzen estremeceu breve, mas efetivamente, de modo que a pele do seu peito se arrepiou bastante. Isso poderia ser agradável nesse calor, mas Fritzen não podia ignorar o que causara o resfriamento.

Desviar o olhar, estou sozinho aqui, pensou Fritzen e olhou para cadeira vazia a sua frente. Também a cadeira atrás de Fritzen ainda estava desocupada. Sorte, pensou Fritzen e sorriu quase que incontrolavelmente.

O barulho da conversa se espalhava pela sala. Uma batida abafada em meio a isso. Alguém verificava uma última vez se o microfone estava funcionando.

Logo, pensou Fritzen e, para seu desespero – os dentes muito apertados –, ouviu atrás de si uma voz de mulher, uma voz levemente grasnada, se insinuando, uma abóbada de um porão repleta de potes de mel, pensou Fritzen, enquanto o sangue jorrava nas suas têmporas.

“O lugar ainda está vago?”

E já se sentou. Fritzen sentia o olhar dela roçando na sua nuca. Ele gostaria de se coçar, apagar as marcas de sua íris, mas não se mexeu. Cada movimento que fizesse chamaria atenção para ele, pensou Fritzen. Se ele se coçasse, a mulher logo lançaria o olhar sobre seus dedos, sua mão, e então, quando ele retirasse a mão do campo de visão dela, ela se concentraria novamente na nuca dele. As primeiras gotas de suor começaram a escorrer pelas dobras de sua barriga. Sete minutos de atraso e lá fora ainda havia vozes sem rostos. Futilidades, risadinhas. Fritzen sentia os olhos da estranha no seu ombro direito. O que ela quer do meu ombro, pensou Fritzen.

Então um homem mais velho se sentou na cadeira à sua frente, na primeira fila.

“Não”, disse Fritzen, mas a proibição sussurrada afundou no lamaçal de retalhos de palavras e pigarreios.

O homem sentou-se primeiramente ereto, sem se recostar, então deixou-se cair lentamente na direção de Fritzen, encostou-se no estofado e colocou-se na posição desejada.

O homem vestia um casaco de lã azul tricotado, debaixo se podia ver o colarinho de uma camisa xadrez azul clara.

Fritzen enxugou a testa molhada. A mulher atrás dele viu o que ele fez. Ele sentia as farpas do olhar dela no seu cotovelo. O homem na sua frente tinha cabelos grisalhos, quase prateados até algo como cinza. Despenteados e escassos despontavam da cabeça dele. Fritzen ouviu uma porta.

A senhora do seu lado respirava fundo, como se fosse sua última inspiração. Um chocalhar oco confundia-se com um apitar, que era antes como um soprar.

Então, de repente, Fritzen percebeu o cabelo branco que havia caído da cabeça indomável do homem sobre o casaco, à esquerda da coluna, sobre a omoplata. Não era de agora, não, o cabelo estava realmente grudado naquele lugar, já deveria estar pendurado ali há algum tempo. No total, observou Fritzen, tem mais ou menos oito centímetros de comprimento. O primeiro centímetro estava liso sobre a malha, depois uns bons cinco centímetros se lançavam pelo ar como um arco, e no final do arredondamento encostavam novamente nos fios de lã, de modo que o cabelo ficava cerca de dois centímetros, ou dois centímetros e meio, Fritzen conseguia dizer com exatidão, abaixo do primeiro lugar em que há aqueles fios colados, e se prendiam de novo ao casaco. A partir deste ponto, os dois centímetros de ponta de cabelo cresciam das costas do homem para a sala e em direção a Fritzen. Enquanto o já descrito arco de cabelos caídos se mantinha bastante sólido e imóvel sobre o casaco e, em sua estabilidade, só captava a atenção de Fritzen tangencialmente, o fim inquieto dessa composição irreal era, para ele, de difícil realização. Ininterruptamente, Fritzen olhava para aquele fio de cabelo branco e fino, procurando ordenar os movimentos dentro do possível raio, e traduzir nele uma possível disciplina; mas o cabelo parecia se comportar de modo totalmente arbitrário. Às vezes, a ponta espetava o espaço entre as fileiras de cadeiras, se agitando afiada como uma adaga em miniatura, outras, ela voava para frente e para trás ou acenava, como se já fosse hora de dizer adeus, lentamente da esquerda para a direita e de novo para trás. Fritzen sentiu seu colarinho grudando no pescoço. Meu Deus, como está quente, pensou Fritzen e mirou o cabelo. Ele deveria chamar a atenção do homem, simplesmente lhe dirigir a palavra, dizer: “Com licença, há um fio de cabelo ali no senhor.” Mas então o homem provavelmente agradeceria, sentiria alguma conexão com ele e tentaria envolvê-lo em uma conversa. Fritzen não queria conversar. Há tanta gente que se aproxima demais para responder. Elas aproximam seus rostos até chegarem a poucos centímetros do rosto da pessoa com quem falam. Geralmente têm mau hálito. É possível

ver suas veias azuladas tremulando por baixo da pele. Pois então, pensou Fritzen, será que sou um asilo para almas solitárias?

Então, de repente o cabelo pendeu para o lado em toda sua extensão, como se alguém tivesse retirado o sustento do arco. Com isso a ponta curta despontava no ar como a perna que sobrou de um inseto torturado. Fritzen a observava, o coto de uma perna curta e agitada.

Inacreditável, pensou Fritzen, mas ele não percebia nada. Poderia haver uma colônia inteira de formigas caminhando pelas suas costas e dominar suas orelhas, e ele não perceberia nada.

Fritzen aproximou seu rosto de seu objeto de observação. Quando deitado, o cabelo formava mais uma elipse do que um arco, pensou Fritzen. Se o cabelo permanecesse ali por um ano e continuasse crescendo, teríamos um aqueduto levemente desproporcional. Fritzen balançou a cabeça. O arco de cabelo – ou elipse de cabelo – voltava a se erguer, retornava a sua antiga posição e permanecia ali, uma armadura corcunda com um apalpador tátil.

“Por que esse cabelo nojento fica se mexendo”, disse Fritzen, “de onde vem o ar que o agita para cá e para lá?” Aqui não há nenhuma corrente de ar, pensou Fritzen, aqui está desumanamente quente. Sobre seu lábio superior formavam-se gotinhas salgadas. Sua respiração passava refrescante sobre as gotinhas. Nesse mesmo instante, Fritzen estava convencido de ter encontrado a solução do problema que desviava sua atenção: era a sua respiração que fazia o cabelo se mexer.

“Eu só preciso segurar o ar e a paz se estabelecerá”, disse Fritzen, inspirou e permaneceu com os pulmões estufados. Inspecionou cuidadosamente a estaticidade do cabelo e se alegrou. Mas antes que Fritzen esvaziasse os pulmões, sim, ele ainda era capaz de segurar o ar por bastante tempo, o cabelo se agitou rápida e violentamente sobre o casaco do homem. Fritzen expirou sem fazer barulho. Na verdade, eu deveria ter ouvido algum barulho, o barulho de uma minúscula bandeirinha se agitando rebelde ao vento, pensou Fritzen. Mas ele não ouviu nada. Ele não ouvia mais nada, nem mesmo a respiração de lixa de sua vizinha. Só uma voz masculina era ouvida em meio ao silêncio: “o cabelo era branco.”

“Sim”, gritou Fritzen, “exatamente, são brancos os cabelos, quase prateados, mas sem dúvida se aproximam do cinza.”

Fritzen ergueu a cabeça animado. Pela primeira vez desde que o homem se sentara, ele havia conseguido deixar de observar o cabelo. Então ele percebeu que a leitura aparentemente já havia iniciado. Ninguém disse nada naquele momento, e o autor, que ele nem percebera entrar, já estava sentado lá na frente; a sala estava em silêncio, e os ouvintes estavam voltados para ele, olhando-o fixamente. Algo como oitenta pares de olhos, supõe Fritzen, estavam direcionados para ele. Ele não se virou para verificar atrás de si, mas sentia de forma muito nítida o olhar da senhora em suas costas. Os olhos dela perfuraram dois minúsculos buraquinhos na parte de trás da cabeça dele.

O que está acontecendo?, pensou Fritzen.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou a voz masculina.

Fritzen suava pelo corpo inteiro. O cabelo mudou sua posição, pois também o homem se virou e o olhou.

Fritzen desviou seu olhar do rosto do homem e olhou para o autor na mesa de leitura.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou ele novamente, olhando para Fritzen ainda do mesmo jeito. Fritzen se manteve calado. Na sala se iniciava um murmurinho; como bolhas de lama quente, borbulhou entre os assentos, espalhou um cheiro levemente podre e voltou de novo em si. Então o ar-condicionado começou a funcionar barulhento, rangia, parecia girar, ia silenciando, ficando mesmo difícil de ouvir e silenciou por completo.

O autor prosseguia a leitura, mas Fritzen não o escutava. Olhares se desviavam dele. O homem havia se virado de volta, e o cabelo, que tinha se desvencilhado do lugar em que estivera preso, assim deixando de formar um arco, agora esvoaçava com violência. Só agora se via como esse cabelo abominável era comprido, pensou Fritzen. Apenas o fato de saber que alguém havia ligado o ar condicionado já diminuía um pouco o seu suor. Se ele não conseguisse abordar o homem, talvez devesse simplesmente tirar o cabelo do casaco do homem. Mas isso não seria fácil, considerando que parecia estar bem preso. Se, quando ele puxasse, acabasse estragando o casaco do homem por causa de um fio que se desprendesse, aí a coisa complicaria. Aí sim Fritzen precisaria realmente falar com esse homem. Ou então, se o homem se mexesse justamente no momento em que Fritzen já tivesse agarrado o cabelo e os seus ombros encostassem na mão de Fritzen. O que o homem iria pensar? Que ele, Fritzen, queria tocá-lo. Fritzen voltou a suar. Como uma onda de calor, o pensamento cruzava sua cabeça, fazia seu rosto ruborizar, abria

os poros nas suas costas e debaixo dos braços. Precisava analisar a situação com cuidado. Ergueu a mão cuidadosamente, aproximando-se do cabelo, que espetava ao redor de si como um ferrão quebrado de um escorpião.

“Os últimos espasmos”, disse Fritzen e riu.

“Se você tiver algo a dizer, diga depois. Eu gostaria de ler até o fim sem ser interrompido,” disse o autor.

Se Fritzen já não estivesse com a cara vermelha, ele teria enfiado a cabeça em um buraco de tanta vergonha. Ele se encolheu o quanto pode entre os apoios das cadeiras. Isso de falar em voz alta consigo mesmo nunca lhe tinha acontecido.

Olhar para o lado!, pensou Fritzen. Só não olhar ninguém nos olhos. Que isso tinha que acontecer justamente com ele. Ele amava a Literatura, as leituras. Eram os outros que o incomodavam. Ele estava em silêncio; não pronunciava uma palavra, queria apenas ouvir. Mas lá estava o cabelo. O homem esfregava nervosamente as costas no estofamento da cadeira. Por consequência, o cabelo se mexia ainda mais descontroladamente. Não acredito que alguém ainda esteja me encarando, pensou Fritzen, e se mexeu para ficar um pouco mais alto no assento. Só os olhos da senhora atrás dele continuavam teimosamente fixados em sua orelha direita. O que ela quer com a minha orelha?, pensou Fritzen.

Nada mais para se escutar, nenhum farfalhar, nenhum chiar. O homem na sua frente deitou a cabeça na nuca. Fritzen via como a luz do teto refletia no brilho prateado do cabelo.

Mais um não, pensou Fritzen. Mais um no casaco não, mantenha sua cabeça ereta. Ereta! Fritzen escuta. Teria falado novamente em voz alta, talvez até gritado? A própria voz ainda soava dentro de sua cabeça, mas ninguém o observava. Todos olhavam para frente. Até a senhora ao seu lado respirava em silêncio para frente. Não, ele não tinha falado em voz alta. O homem ergueu a cabeça.

“Bom”, sussurrou Fritzen e sorriu pra si mesmo. A senhora a seu lado pigarreou. O cabelo serpenteava violenta e densamente sobre o encosto da cadeira. Escorregar um pouco para baixo, pensou Fritzen, se ele escorregasse só um pouco mais para baixo na cadeira. Mas o homem permanecia sentado sem se mexer.

Mais para baixo! Mais para baixo!

De repente Fritzen tinha cabelos nas mãos. O formato de uma cabeça se adapta ao seu punho. Ele a empurra para baixo.

“Você faz isso de propósito, seu analfabeto”, disse ele. Seus dentes rangiam. Ele sentia as batidas do próprio coração na garganta. Ele agarra mais forte. O couro cabeludo doía.

“Eu quero escutar”, disse ele, então riu.

Não, agressivo ele não é. Mas ele conseguia imaginar se alguém o provocasse a tal ponto. Então também ele se deixaria levar. Ele afrouxou o punho, deixou sua mão deslizar pelo seu cabelo sobre a testa, secou as gotinhas de seu lábio superior. A senhora atrás dele esquadrinhava o seu penteado recém-organizado com seus olhos pegajosos. O que ela quer com o meu penteado?, pensou Fritzen e percebeu como o cabelo branco, levemente prateado, se aproximando do cinza, se enrolava e serpenteava sem qualquer lógica sobre a lâ. Uma dança absurda, pensou Fritzen, a dança de um manco, que sempre salta para o alto e joga a perna para frente, para o alto.

“Alto”, berrou Fritzen, “alto!”

Então ele escutou os aplausos. A senhora a seu lado aplaudia como louca. Fritzen se escutou berrando “alto!” de novo. A senhora ao seu lado acenou amigavelmente. Todos aplaudiam.

Um barulho estrondoso.

“Obrigado”, disse o autor e se levantou.

Fritzen olhou calado para a mesa.

“O quê?”, disse Fritzen. “Eu não escutei absolutamente nada. Que horas são?” Para seu próprio espanto, virou-se. Mas a senhora atrás dele já tinha ido embora. Só o homem que há pouco tinha testado se o microfone caminhava entre as filas de cadeiras, olhando para o chão.

“Impossível”, disse Fritzen e virou-se novamente para a frente. A fileira a sua frente também está vazia.

“O cabelo!”, exclamou Fritzen. “Onde está o cabelo?”

“Desculpa?”, disse o homem entre as cadeiras das filas de trás.

Fritzen deixou seu olhar vagar silenciosamente da cadeira na primeira fila, na qual o corvo se sentara, até a mesa de leitura. Lá estava uma garrafa de água vazia e um copo.

Então Fritzen também foi embora.

Referências

BERNHARD, Thomas. **Alte Meister: Komödie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

CAPYBARABOOKS. **Von harten Kerlen und finsternen Typen**. Disponível em: <<http://www.capybarabooks.com/buecher/literatur/rost-stories.html>>. Acesso em 30 dez 2020.

CNL - Lëtzebuenger Literaturarchiv. **Eng Taass fir d'Nefertiti Nilpäerd (bis 7 Joer) - Guy Helming**er (capybarabooks). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g3VORb6KC5M>>. Acesso em 30 dez 2020.

CONTER, Claude D., JACOBY, Nathalie. **Dictionnaire des Auteurs Luxembourgeois**. Guy Helming

er. Disponível em: <<https://www.autorenlexikon.lu/page/document/410/4106/1/FRE/index.html>>. Acesso em 30 dez 2020.

HELMINGER, Guy. **Salam Teheran**. Disponível em: <<https://www.dw.com/de/salam-teheran/a-2367003>>. Acesso em 30 dez 2020.

LITERATUR PORT. **Guy Helming**er. Disponível em: <<https://www.literaturport.de/Guy.Helminger/>>. Acesso em 30 dez 2020.

MOYA, Horacio Castellanos. **Asco**: Thomas Bernhard in San Salvador. Tradução de Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. Coleção Outra Língua.

MR. BEAN. **Bean on the train**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shz2L_Qkcg0>. Acesso em 30 dez 2020.

SCHULTZ, Tom. **Dieser Dichter ist ein Glücksfall für die deutsche Literatur. Er ist Luxemburger**. In: NZZ (Neue Zürcher Zeitung). Disponível em: <<https://www.nzz.ch/feuilleton/guy-helminger-ist-ein-gluecksfall-fuer-die-deutsche-literatur-ld.1457364 20.02.2019>>. Acesso em 30 dez 2020.

WEIDNER, Stefan. **Kurz und gut**. In: FAZ – Frankfurter Allgemeine Zeitung. Disponível em: <<https://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezensionen/belletristik/rezension-belletristik-kurz-und-gut-162963.html>>. Acesso em 30 dez 2020.